

Deve sair hoje acordo com o Clube de Paris

REALI JÚNIOR
Nosso correspondente

PARIS — As negociações do governo brasileiro com os seus credores do Clube de Paris para o reescalonamento de parte da dívida pública ou garantida pelos governos deverão ser encerradas ainda hoje. Tudo indica que um acordo será concluído com os credores, apesar da deterioração da situação econômica brasileira nas últimas semanas, o que está dificultando o bom desenvolvimento das negociações. A queda das receitas de exportação, das reservas e a retomada do processo inflacionário estão preocupando os 16 credores do Brasil que se encontram em Paris, reunidos no Hotel Majestic, da Avenue Kleber.

Ontem, durante 45 minutos, o embaixador Alvaro Alencar, chefe da delegação brasileira e da assessoria internacional do Ministério da Fazenda, expôs aos credores a posição brasileira e o interesse de reescalonar não apenas 2,3 bilhões, correspondentes a serviço e principal da dívida, vencimentos dos anos 1985 e 1986, mas também cerca de US\$ 3,2 bilhões, vencimentos previstos para este ano de quase US\$ 9 bilhões, total aproximado da dívida junto ao Clube de Paris. Após a exposição do



Seixas: reescalonamento

questões foram colocadas por alguns dos credores participantes. representante brasileiro, que tem a seu lado Antonio de Pádua Seixas, diretor do Banco Central, diversas

Como prevêm as regras que orientam as reuniões do Clube de Paris, em seguida a delegação devedora abandona o recinto, instalando-se numa sala ao lado, mas permanecendo à disposição para novos pedidos de informação. No período da tarde os credores voltaram a se reunir sem a presença do país devedor. Hoje, a delegação brasileira volta a se avistar com seus credores pela manhã. A tarde eles iniciam uma reunião, sem a presença dos brasileiros, para deliberação. Entre os observadores par-

ticipam da reunião do Clube de Paris, representantes do FMI, do BID e pela primeira vez da Comunidade Européia. Segundo certas informações isso se deve ao interesse da CEE, manifestado pelo comissário Claude Cheysson. Ontem, o chefe da delegação brasileira, Alvaro Alencar, negou-se a fazer qualquer comentário, dizendo que só vai falar no final, pois não considera razoável fazer comentários com uma negociação em curso.

INTRANSIGÊNCIA

Segundo um observador do encontro, os representantes da Inglaterra e Holanda foram os que se mostraram mais intransigentes, enquanto a Alemanha manteve uma posição discreta e os Estados Unidos mostraram-se moderados. A França, cujo representante, Samuel de Lajeneuse, é o presidente da reunião, manteve também uma posição de certa equidistância. A maior parte das perguntas levantadas referiam-se ao agravamento da situação da balança comercial do Brasil provocado pela queda brusca das receitas de exportação nos últimos meses e o problema do Fundo Monetário Internacional.

A única intervenção do representante do FMI foi considerada positiva, quando ele definiu como normais e corretas as relações com o Brasil, através de duas visitas anuais de seus observadores a Brasília, além de contatos de alto nível.